

Resenha

## Quase a mesma coisa: Experiências de Tradução

Valéria Silveira Brisolara <sup>1</sup>

Em *Quase a mesma coisa*, Umberto Eco dedica-se a uma questão cada vez mais presente na sua obra: a tradução e seu significado.

Eco já havia discutido questões relativas à tradução em *Lector in Fabula* (1979), *Os Limites da Interpretação* (1990) e *A Busca da Língua Perfeita* (1993). Entretanto, nesta obra faz uma retomada de todas as questões relacionadas à tradução que julga relevantes sem, em nenhum momento, deixar de reforçar que enfoca o tema a partir de sua perspectiva de escritor e semiólogo, o que faz com que traga um novo olhar a várias questões.

A obra é baseada em uma série de palestras dadas por Eco em 1998 na Universidade de Toronto. Talvez por isso o tom usado por Eco seja casual, mas ao mesmo tempo quase confidencial, pois deixa claro que compartilhar é o objetivo da obra. O leitor sente-se interlocutor de uma conversa com Eco a todo instante.

Na introdução, Eco explica que a ideia do projeto surgiu de suas motivações ao pensar em como seus próprios textos eram afetados após passarem pelas mãos de um tradutor. Diferentemente da maioria dos escritores que afirmam temer as traduções de suas obras, Eco reflete sobre como seus textos transformam-se no momento em que são traduzidos, mas sem temer as mudanças inerentes do processo tradutório. Pelo contrário, o autor vai mais além e defende essas transformações, pois acredita que as mudanças são necessárias na transposição de um texto de uma língua à outra. Chega a admitir que talvez a tradução tenha melhorado alguns de seus textos devido às particularidades de cada língua. Tal posicionamento é incomum entre escritores e tem suscitado muito debate.

A obra é dividida em duas partes. Na primeira parte, Eco apresenta a tradução a partir de sua experiência pessoal tanto como tradutor como quanto escritor que já foi traduzido inúmeras vezes para diversas línguas. Nesta parte, Eco dedica-se a comentar as traduções de algumas de suas obras, como *O nome da Rosa* e *Baudolino*, e a explorar seu vasto conhecimento de línguas dando inúmeros exemplos. Na segunda parte da obra, dedica-se aos aspectos mais teóricos da teoria da tradução, discutindo questões relacionadas à tradução e a reescritura, ou seja, aos limites da atividade tradutória e a tradução intersemiótica.

A fim de introduzir a noção de “dizer quase a mesma coisa”, que remete a noção de equivalência, que perpassa toda obra e dá nome ao primeiro capítulo, Eco inicia o livro de uma maneira inusitada. Eco usa a ferramenta de tradução do Altavista. Introduce frases

---

<sup>1</sup> Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis. Tradutora Juramentada. E-mail: valeria\_brisolara@uniritter.edu.br

de suas obras no tradutor automático e analisa-as. Comenta os erros e os problemas que surgem através da tradução feita pelo Babylon e dedica-se a pensar o que falta à ferramenta de tradução para que consiga realizar uma tradução satisfatória.

A partir disso, Eco dedica-se a explicar e a defender que traduzir, na sua visão, não é nada mais do que dizer quase a mesma coisa em outra língua. Parte então para a discussão das implicações de se dizer sempre quase a mesma coisa, mas nunca a mesma coisa em uma tradução.

Assim, ao longo de toda obra defende a noção de tradução como negociação. Traduzir é sempre cortar ou acrescentar alguma coisa a partir de um texto o original. E a negociação é sempre sobre esses cortes a serem feitos e o que pode compensá-los, equivalendo-os, mesmo que não totalmente.

Ao comentar as traduções, e principalmente as traduções de suas próprias obras, diferentemente do que a maioria dos autores faz, é compreensivo e talvez até complacente com os tradutores de suas obras. Ao detectar elementos que poderiam ser considerados como erros da tradução, como os que o Altavista havia feito ao traduzir suas frases, tenta identificar e entender o processo que levou o tradutor àquela tradução.

Em suma, Eco apresenta a sua visão sobre o que é a tradução e sobre os limites da atividade do tradutor e mostra-se otimista em relação à prática da tradução por aceitar os limites da atividade e entender os elementos envolvidos em todas as etapas do processo de tradução de uma obra.

O título da obra de Eco remete à lição mais importa: uma tradução nunca será mais do que quase a mesma coisa, ou seja, sempre, uma outra coisa, um outro texto.